SENSAÇÕES PICTÓRICAS: FRANCIS BACON E CLARICE LISPECTOR

PICTORIAL FEELINGS: FRANCIS BACON AND CLARICE LISPECTOR

Eliane Patricia Grandini Serrano[1]

Abstract— *The effect caused by the Art is in a unique force capable of promoting the artist experiences and especially to the visual text reader . The painting, especially, is to keep the feeling, established from the lines, colors and all codes within it. In this respect two artists shock the reader; in an attempt to seek themselves in chromatic plots, produce images without pictures and / or without models. His paintings are built without external beacons and it is precisely this character not figurative that detonates the kinesthetic aspect in every visual text. Artists to be investigated in this work are Francis Bacon and Clarice Lispector. The first with its shock - images, as he claimed. The second of painters little circulation, but that reveal constant search of herself in another language, since the author is internationally recognized for its literary and non-pictorial work.*

Index Terms – sensation, Francis Bacon, Clarice Lispector

Resumo-*O sentido provocado pela Arte constitui-se em uma força singular capaz de promover experiências ao artista e, sobretudo ao leitor do texto visual. A pintura, especialmente, tem como sustento a sensação, estabelecida a partir das linhas, das cores e de todos os códigos que a compõem. Sob este aspecto dois artistas chocam o leitor; na tentativa de buscarem a si mesmos, nas tramas cromáticas, produzem imagens sem retratos e/ou sem modelos. Suas pinturas são construídas sem balizas externas e é justamente este caráter não figurativizado que detona o aspecto sinestésico em cada texto visual. Os artistas a serem investigados neste trabalho são Francis Bacon e Clarice Lispector. O primeiro com suas imagens-choque, como ele mesmo afirmava. A segunda com suas pinturas pouco divulgadas, mas que revelam a constante busca de si mesma em outra linguagem, visto que a autora é reconhecida internacionalmente por sua obra literária e não pictórica.*

Palavras Chaves – Sensação, Francis Bacon, Clarice Lispector

> "Continuidades, filiações, rupturas: os pintores estão geralmente presos em uma rede de referencias que os une a seus predecessores. Os movimentos artísticos se desenvolvem – crescem e morrem - para reviver sob outra forma, como se fossem árvores enxertadas."
>
> (CAUQUELIN, p. 91)

Assim, a Arte foi sendo constituída ao longo do tempo. Cercada de elementos do passado, a produção artística se consolida de novas maneiras, atraindo novos olhares, gerando novos significados. O interesse pelo que já foi a cada novo texto se manifesta não apenas pelo simples fato de se apresentar uma nova produção, mas principalmente pelo processo que se estabelece no novo percurso.

Em outras palavras, os artistas cada vez mais se preocupam menos com o objeto produzido e se voltam à maneira, pela qual manipularam a matéria. Esta nova concepção vem sendo abordada desde a Arte Moderna com artistas que ainda nem pensavam na aplicação de materiais não convencionais em suas obras, como é o caso de Francis Bacon (1909 – 1992) e Clarice Lispector (1920-1977)

A arte de ambos destaca-se não apenas por suas pinturas/retratos produzidos, mas principalmente pele solução que encontraram no decorrer do processo de criação. Desde quando a sensibilidade humana se tornou objeto de reflexões, os artistas estabeleceram conexões abrangentes e passaram a envolver o espectador na produção artística, ou seja, artista-obra-leitor formam então o tripé que sustenta o objeto artístico.

> " Criar torna-se um ato, evoca mecanismos psíquicos e mentais tanto do criador quanto do espectador, uma vez que resulta de um processo perceptivo. De artesão, talentoso e hábil, no Renascimento, como um imitador da natureza, do homem e de Deus, o artista do século XX, influenciado pela lógica de Descartes, entre outros pensadores, submete-se ao racionalismo em detrimento das faculdades sensíveis, submete-se à fantasia e à imaginação em detrimento do gosto."
>
> (MEIRA, 2006, p. 16)

Os territórios da Arte revelam inúmeras possibilidades representativas. Visceral, alucinante, deformador, voraz, chocante, visionário, foram alguns dos adjetivos aplicados à arte de Francis Bacon, porém seu trabalho vai além. O pintor irlandês procurou sempre um reencontro com a sensação. Sob forte influencia de Rembrandt, Velazques, Van Gogh e também Picasso, Bacon produziu imagens extraídas da realidade, só que transformadas em uma pintura de conceitos totalmente perceptivos ou seja, constrói uma

[1] Docente Orientadora. Unesp – Departamento de Artes e Representação Gráfica – FAAC – Bauru – SP – Brasil.

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.380-381

© 2015 COPEC

outra realidade, cujo principal objetivo é sair do aspecto figurativo e chegar ao aspecto sinestésico.

Através de tramas cromáticas, gestos bruscos, violentas deformações, Bacon revela o real pela reconstrução angustiada de sua consciência. O espectador de alguma maneira fica paralisado e a pintura o compele à leitura visual. "O espectador quase fica no lugar de um voyeur de uma cena particular, uma vez que ele enfrenta a figura em sua mais profunda intimidade". (SIQUEIRA, 2007, p. 5)

Segundo Alberto Manguel ( ), todo texto é um retrato de seu autor, alguns artistas se colocam diretamente em suas obras, no caso dos auto-retratos, outros colocam-se de forma menos evidente. Francis Bacon, no auto retrato de 19 se revela de forma nada óbvia, apesar de ser um auto retrato especular, há muitos mistérios. Como acreditava em outras realidades, principalmente as interiores, a visão de si mesmo capta a atmosfera das sensações, por isso afirmava: "A gente vive quase o tempo todo recoberto por véus. È uma existência velada. E às vezes penso, quando as pessoas dizem que meus quadros parecem violentos, que eu consigo de vez em quando levantar algum véu ou afastar algum biombo." (SYLVESTER, 1995, p.82)

A questão da pintura de Bacon, não era reproduzir a forma, embora trabalhasse com modelos, mas sim captar a força do objeto, com isso sua pintura torna visível às forças que não são visíveis, chegando a um real deformante, mas não transformador segundo Deleuze (2003).

"Eu queria escrever como um pintor", com essas palavras Clarice Lispector demonstra o motivo que a transportou além de sua obra literária, pela qual ficou conhecida internacionalmente. Lançando-se ás dimensões visuais da pintura, ela se entrega a pintura a partir dos anos 70 do século XX com uma força visceral, com uma intenção de explorar os limites da sensação. Sua obra pictórica não é extensa, ao contrário, produziu aproximadamente dezoito quadros entre os anos de 1975-76, antecedendo estas pinturas há uma obra literária Água Viva (1973), a qual pode ser lida como um auto retrato, trata-se de um monólogo onde a todo instante percebe-se as indagações consigo mesma.

Com suas pinturas Lispector expõe a necessidade de se libertar das amarras de suas próprias criações, ao expandir seu campo de atuação ela prova que o artista não se contenta, que está sempre em busca do novo, mas assim como Francis Bacon o novo é sempre recriado a partir de sua realidade. Em um trecho de Água viva, pode-se perceber um desvelamento de sua atividade pictural que aconteceria posteriormente:" Tente entender o que pinto e o que escrevo agora. Vou explicar: na pintura como na escritura procuro ver estritamente no momento em que vejo — e não ver através da memória de ter visto num instante passado. O instante é este. O instante é de uma iminência que me tira o fôlego. O instante é em si mesmo iminente. Ao mesmo tempo que eu o vivo, lanço-me na sua passagem para outro instante."

Outro ponto em comum entre a pintura de Francis Bacon com Clarice Lispector, é que a artista também exprime em suas imagens a força da sensação visual. Na pintura "Medo"), Lispector mostra a força invisível que a vida, através de pinceladas de fortes cores amarelas, de um virtuoso gesto de grossa tinta, lhe impõe. Torna a vida sensível a ela mesma, o medo é forte, porém a força que a artista possui é maior, por isso ocorre a representação deste sentimento, que para a maioria das pessoas é trancada em suas sensações internas.

Mesmo não estando em uma situação direta de auto retrato a escritora/pintora, se coloca na tela. Não com expressões humanas, figurativas, mas com cores e gestos. Não um espelho como objeto refletor, mas um espelho d'alma onde o reflexo se manifesta em forma de pintura.

Enfim, "Em arte, não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas de captar forças. É por isso que nenhuma arte é figurativa. A célebre frase de Klee, ' não apresentar o visível, mas tornar visível' , não significa outra coisa". (DELEUZE, 2007, p. 62)

REFERENCIAS

CAUQUELIN, Anne. Arte Contemporânea. SP: Martins Fontes, 2012.

DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: A lógica da sensação. RJ: Jorge Zahar Ed. 2007

LISPECTOR, Clarice Água viva: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANGUEL, Alberto. Lendo Imagens. SP: Cia. Das Letras, 2001.

MEIRA, Silvia Miranda. A imagem Moderna: um olhar. Belo Horizonte: C/Arte, 2006

VIANNA, Lucia Helena. Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os 'quadros' de Clarice Lispector. In: Revista de Estudos Femininos, Jun 2003, vol. 11, no. 1, p. 71-87.

_____. "O figurativo inominável: os quadros de Clarice". In: ZILBERMAN, Regina et al. Clarice Lispector: a narração do indizível. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1998.

SYLVESTER, David. Entrevistas com Francis Bacon, A brutalidade dos fatos. SP: Cosac & Naif, 1995.